



Interface - Comunicação, Saúde,
Educação

ISSN: 1414-3283

intface@fmb.unesp.br

Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho
Brasil

Therezinha Luz, Madel; Ferla, Alcindo Antônio; dos Santos Machado, Anderson; Dall
Alba, Rafael

Retórica na divulgação científica do imaginário de vida e saúde: uma proposta
metodológica de análise

Interface - Comunicação, Saúde, Educação, vol. 21, núm. 61, abril-junio, 2017, pp. 333-
347

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Botucatu, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=180150057009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Retórica na divulgação científica do imaginário de vida e saúde:

uma proposta metodológica de análise

Madel Therezinha Luz^(a)
 Alcindo Antônio Ferla^(b)
 Anderson dos Santos Machado^(c)
 Rafael Dall Alba^(d)

Luz MT, Ferla AA, Machado AS, Dall Alba R. Rhetoric on scientific dissemination of life and health imagery: a proposal for methodological analysis. *Interface (Botucatu)*. 2017; 21(61):333-47.

This paper analyzes the symbolic role of Biosciences in the imagery of life and health, presenting results of observational research of science magazines found on newsstands in three Brazilian cities: Rio de Janeiro, Duque de Caxias and Porto Alegre. It presents a synthetic analysis of the observation of newsstands and the set of covers exposed in them, using illustrative tables, according to a scheme of interpretation of the rhetoric present in these covers. We note that the meanings resulted of image/word symbiosis spread by periodicals, are persuasive tools on the universe of representations and social practices concerning a supposedly healthy lifestyle.

Keywords: Social imaginary. Biosciences. Media divulgation. Rhetoric of life and health.

Este artigo analisa o papel simbólico das Biociências no imaginário de vida e saúde, apresentando resultados de uma pesquisa de observação de capas de revistas de divulgação científica encontradas em bancas de jornais em três cidades brasileiras: Rio de Janeiro, Duque de Caxias e Porto Alegre. Apresenta uma análise sintética da observação das bancas e do conjunto de capas nelas expostas, utilizando quadros ilustrativos, segundo um esquema de interpretação da retórica presente nessas capas. Constatamos que os sentidos resultantes da simbiose imagem/palavra, difundidos pelos periódicos, são instrumentos persuasivos no universo de representações e práticas sociais concernindo um suposto viver saudável.

Palavras-chave: Imaginário social. Biociências. Divulgação midiática. Retórica de vida e saúde.

^(a,b,c) Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCol/UFRGS).
 madelluzz@gmail.com;
 ferlaalcindo@gmail.br;
 andersonsmachado@gmail.com

^(d) Rede Governo Colaborativo em Saúde. Porto Alegre, RS, Brasil. rafasaudecol@gmail.com

Introdução

Este artigo sintetiza interpretações das atividades do projeto “A ciência como cultura no mundo contemporâneo: divulgação midiática de saberes científicos e construção do imaginário social”, desenvolvidas entre 2012 e 2014^(e), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com pesquisadores da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), apresentando proposta metodológica de análise de capas selecionadas de revistas, considerando a simbiose imagem/palavra como núcleo originário da retórica de sentidos e significados atribuídos à vida e à saúde como o foco central de nossa análise.

Privilegiamos a análise ilustrativa de sentidos e representações recorrentes na divulgação científica dos veículos presentes nas bancas de jornal. Nosso foco centrou-se na informação de ciência e tecnologia produzida e publicada por cientistas/especialistas no cenário editorial das bancas de revista, objetivando a educação científica a partir do compartilhamento do conhecimento^(f).

Entendemos a relevância de observar a transição do debate científico para o cenário editorial, reconhecendo a função social do relato midiático como uma construção representativa da realidade capaz de produzir efeitos práticos, sejam de mobilização/desmobilização, controle/liberação social². Objetivamos, com isso, interpretar a retórica presente nessas práticas e os modos como esta produção específica de sentidos pode influenciar o imaginário, assumindo, por vezes, caráter normativo³⁻⁵.

Procuramos identificar o poder simbólico das Biociências, gerado por meio da reprodução contínua de conhecimentos sobre a regulação da saúde e adoecimento. Constitui um *imaginário* impregnado de informações científicas, carregado de *significados* e *sentidos* sociais, gerados e difundidos por intermédio de representações, modos de pensar, sentir, agir, avaliar⁶⁻⁹.

Embora portadoras de sentidos, as mensagens resultantes nem sempre são constituídas de palavras, mas, também, por imagens, num processo de simbiose. Entendemos que tratá-las em separado, como fazem tradicionalmente a linguística e a semiótica, seria insuficiente para identificar os sentidos que emergem das mensagens compartilhadas e processadas coletivamente. São reforçadas, nesse processo, *representações sociais* que difundem esquemas mentais coletivos e individuais, elaborados a partir das relações sociais vigentes¹⁰. Condicionam, desta forma, padrões de atitudes, sentimentos, ações e interações. Percebemos que é gerada uma retórica que produz sugestionamentos sutis, mas com força de consolidar modelos de condução da vida, para além do ordenamento tácito do discurso ou da simbologia imagética compartilhada.

Desta forma, neste estudo necessariamente interdisciplinar, cabem interrogações: que papel cumpre a divulgação das Biociências sobre saúde e vida na cultura contemporânea? Estaríamos no limiar de uma cultura de prevenção com estritos parâmetros de normalização da vida? Haveria projetos, como o de uma *cultura social da saúde*, presentes na Saúde Coletiva¹¹. Ou seria o de instaurar, como postula Sfez¹², uma *saúde perfeita*, vislumbrando utopicamente a maximização da vida biológica? Ou, ainda, da superação científica dos limites humanos, em busca de um “transumanismo” possibilitado pela máquina?

A divulgação cotidiana de ensaios e temporariamente comprovados, alinhada com representações, concepções e ideologias persistentes nas Biociências, tende, não só, a ratificar, como *reforçar* verdades em pesquisas/ inovações tecnológicas. O compartilhamento das produções geradas das Biociências transpõe o espaço acadêmico. As revistas de divulgação científica comercializadas em bancas são um potente canal de difusão dessas pesquisas.

^(e) Houve análise dos dados entre abril de 2012 e março de 2013, e volta ao campo buscando complementar dados no segundo semestre de 2013 e no primeiro semestre de 2014.

^(f) Diferenciamos *divulgação científica* do jornalismo científico produzido por jornalistas a partir de informações coletadas de fontes do campo científico. O *jornalismo científico* incorpora apuração jornalística à circulação de informações científico-tecnológicas. Também distinguimos *divulgação científica* e *difusão científica* (comunicação científica). A *difusão científica* é realizada por publicações voltadas para especialistas familiarizados com temas, conceitos e processos de produção científica, compartilhadas entre grupos de pares, que partilham objetos de pesquisa. É pela difusão científica que a produção dos pesquisadores é tornada matéria-prima para o desenvolvimento científico, seguindo rigores e ritos característicos do modelo acadêmico¹.

^(g) Visando à comparação sociocultural dos locais, considerado o tipo de revistas em estudo, foram acrescentados, em 2014, pontos de observação na cidade de Duque de Caxias e em um bairro periférico do Rio de Janeiro.

^(h) *Leitura flutuante* é o percorrer atentamente com os olhos o todo das páginas das revistas, sem atenção concentrada no conteúdo do artigo, buscando palavras-chave recorrentes importantes para o estudo. Uma vez identificada a palavra-chave, procura-se o contexto de frase para se apreender eventual "indução retórica" no parágrafo lido. Trata-se de uma técnica qualitativa de análise, importante para apreender-se a normatividade, por meio do convencimento, implícita no discurso dos meios de comunicação de massa, como acontece em publicidade e propaganda¹³.

⁽ⁱ⁾ Foi realizada uma "busca" virtual de capas em sites de revistas de divulgação científica para caracterizar: a especificidade de periódicos, a periodicidade dos mesmos, e os tipos de edição e de editoras.

^(j) Consideramos que uma amostra pequena, sistemática, pode ser mais precisa que uma grande amostra de materiais escolhidos ao acaso. Bauer¹⁴ constata que 12 edições selecionadas, aleatoriamente, de um jornal diário fornecem uma estimativa confiável do perfil de suas notícias anuais. Representatividade, tamanho da amostra e divisão em unidades temáticas dependem, em última instância, do problema da pesquisa, que determina o referencial teórico a ser utilizado. Neste projeto, optamos por uma abordagem qualitativa para a seleção e análise da retórica presente nos veículos.

Observando o ambiente onde se expõem essas revistas, percebemos outras publicações, ditas "populares", que apresentam, também, reportagens sobre supostas pesquisas de saúde e qualidade de vida: alimentação saudável, exercícios físicos, prevenção de doenças crônicas, etc³. Estas publicações foram objeto de análise, em menor número, a título de comparação com o grau de proximidade do discurso científico.

Do ponto de vista metodológico, interessa-nos mais o tom *convvincente* da combinação imagem/palavra que a veracidade do conteúdo expresso pelo discurso, em termos informativos, comunicativos ou ideológicos. Interessa-nos, sobretudo, compreender como esta simbiose imagem/palavra sobre vida, saúde e doença pode exercer um *pathos* retórico sobre sujeitos, originado do repertório discursivo das Biociências³.

Desenvolvimento do campo

As cidades e locais de bancas de jornais escolhidos para a observação situam-se em pontos de grande circulação cotidiana de pessoas: bairros residenciais ou centros comerciais³. Os locais representam importantes centros urbanos, que ajudam a descrever as nuances do mercado editorial brasileiro.

Para a pesquisa, foram visitadas 26 bancas em nove bairros das cidades do Rio de Janeiro, Duque de Caxias e Porto Alegre^(g), em dois semestres entre 2012 e 2014³. Sintetizamos o trabalho de campo em quadros-resumo (Quadro 1), apresentando análises relativas à observação das bancas. Para a interpretação do material coletado³, foram elaboradas ilustrações sintéticas do esquema conceitual e suas categorias (Figuras 1 e 2), aplicadas à análise das capas de revistas.

Num primeiro momento, a aproximação com o conteúdo retórico dos periódicos foi por *leitura flutuante*^(h) de capas e alguns artigos mais próximos dos temas das capas. Conversas informais com responsáveis serviram de parâmetro inicial para a aproximação do universo sociocultural das bancas. Essas informações permitiram uma melhor compreensão da disposição dos periódicos nas vitrines e no interior das bancas. Destacou-se que capas com o tema de saúde ganham espaços de maior visibilidade, pois são frequentemente demandadas pelos consumidores.

Para descrever a inserção social das bancas e suas diversas funções no território em observação, e a disposição de jornais e revistas nas mesmas, foram realizados registros fotográficos, apontamentos e conversas informais com responsáveis pelas bancas. Foram observados outros itens comercializados e a relação com a comunidade do entorno, que as torna locais de sociabilidade urbana. Nesse período foram coletadas cerca de duzentas fotografias, das quais foram selecionadas 25, centradas em bancas e capas com a temática de vida, saúde e alimentação, buscando-se apreender e descrever a disposição das revistas no espaço⁽ⁱ⁾, sendo irrelevante para a análise a representatividade amostral¹⁴ das capas^(j). Não se buscou identificar a quantidade de bancas nem a frequência das edições. Procurou-se apreender, visualmente, elementos do espaço social no qual as bancas estão inseridas, bem como os sentidos que foram se destacando como mensagem comum no mosaico de revistas que compõem as vitrines. As fotografias serviram de suporte para a descrição do contexto social do cenário midiático.

Para tanto, a obtenção de dados coletados nas bancas levaram-nos à constatação da exigência de abordagem e tratamento metodológico específicos³. Primeiro, foi ratificado o consenso, na Comunicação Social, de que o público, geralmente, decide-se a comprar as publicações pelo interesse despertado pelo que é sugerido nas capas²: os temas e sua apresentação gráfica mobilizam a

Quadro 1. Tempo de pesquisa e caracterização socioespacial por localidade

	RS Porto Alegre	RJ Zona Sul - Rio de Janeiro	RJ Botafogo	RJ Zona Norte	RJ Duque de Caxias	Busca virtual
Tempo de pesquisa	3 meses	12 meses	4 meses	4 meses	4 meses	2 visitas em cada site
Bairros visitados	Centro, Independência, Bom Fim, Farroupilha	Catete e Flamengo	Botafogo	Jardim América	Centro de Caxias	Sites das editoras
Perfil social do(s) bairro(s) pesquisado(s)	Região de classe média; áreas residenciais; grande fluxo de pessoas durante a semana (horário comercial); dois grandes hospitais na região.	Intenso turismo (nacional e internacional); comércio abundante; clínicas de todo tipo; Parque do Flamengo (palco eventos esportivos e musicais).	Intenso turismo (nacional e internacional); comércio abundante; clínicas de todo tipo; espaço gastronômico e cultural	Bairro de classe média baixa; rodeado por comunidades pobres; fronteira com Vigário Geral.	Região de classe média; áreas residenciais e comerciais; grande fluxo de pessoas durante a semana (horário comercial).	Espaço virtual organizado pelas próprias editoras dos periódicos.
Contexto das bancas	Grande quantidade de bancas de revistas na região.	Grande quantidade de bancas de revistas na região.	Jornais nacionais e estrangeiros; revistas de Filosofia, Psicanálise e História; periódicos de música com CDs; revistas voltadas para o corpo, saúde e estética.	Pouco diversificado; na parte externa: jornais e revistas populares e publicações de concursos; outros periódicos são pouco frequentes.	Bancas grandes instaladas no centro da cidade, similares ao centro e zona sul do RJ; diversos tipos de revistas, inclusive, as voltadas para corpo, saúde e estética.	Foi procurado o espaço de assinaturas, destinado à tomada de decisão do futuro leitor.
Bancas visitadas	11 visitadas: 3 no Bairro Farroupilha; 2 no Bairro Bom Fim; 2 no Bairro Independência; 5 no Bairro Centro	10 visitadas: 5 na rua do Catete; 1 na Rua Correia Dutra; 1 na rua Dois de Dezembro; 3 no Largo do Machado		3 visitadas: 2 na Rua Franz Liszt; 1 esquina da Avenida Brasil.	1 banca	
Localização dos periódicos	Revistas sobre saúde são destaque nas vitrines e expositores externos das bancas. No interior, elas estão geralmente no primeiro plano, logo na entrada.	Revistas de divulgação científica colocadas na entrada e na vitrine das bancas. As revistas de temáticas semelhantes são dispostas próximas umas das outras.	As revistas que abordam as questões da saúde são expostas na altura do campo visual. Algumas ficam em destaque, sendo visualizadas de longa distância.		Jornais populares e publicações de concursos em destaque. Revistas de divulgação científica são raras e ficam ocultas no interior da banca. Nenhuma publicação das ciências humanas.	

escolha do cliente. Não é critério significativo, no estudo, a inclusão de assinantes e de leitores “virtuais” destas revistas. Para nós, não é relevante a *demanda*, mas a *oferta* de mensagens e as estratégias de convencimento capazes de capturar o leitor pelo que ele “vê”.

As capas são constituídas por imagens reforçadas pelas palavras. Cria-se um processo de poder simbólico que sugere, ao leitor, o **convencimento** pelo qual o que está sendo dito/mostrado é digno de crédito em termos de verdade e deve ser *seguido* pelo mesmo enquanto consumidor².

A retórica é descompromissada com a produção da verdade, tendo como objetivo a atração e o convencimento, seja na política, no direito ou, mesmo, na arte^{15,16}. Propusemos que a interpretação se embasasse em procedimento metodológico em que a questão do conteúdo da mensagem (sua “verdade” ou “inverdade”) não fosse o núcleo da análise¹⁷. Isto se evidencia quando se analisam *imagens* (nem sempre **fotos**, frequentemente fotomontagens sofisticadas, geradas por computação gráfica). Essa produção imagética reitera a normatividade implícita na retórica das capas, no decorrer das edições. Não nos importa tanto a temática, mas sua força de convencimento, em face dos modos específicos de vida orientados pelas Biociências.

Orientação conceitual e análise do trabalho de campo

A simbiose imagem/palavra, núcleo dessa análise, denota referência a signos culturais importantes³, aliando-se a palavras-chaves que funcionam com sentidos que as reforçam simbolicamente, em comunicação reiterada de mensagens, num contexto de transmissão de sentidos “convincentes”¹⁸. Denominamos de *retórica da vida e saúde* o conjunto de sentidos das mensagens imagéticas relativas à normatização da vida e do viver, ao corpo e sua manutenção biológica, considerando o conjunto *imagem/palavra* como um **todo imagético retórico**, isto é, em simbiose simbólica. Entendemos este processo merecedor de um tratamento metodológico específico, pois nem as habituais análises de conteúdo discursivo, nem a semiótica clássica, respondem às questões levantadas pelo projeto^{3,6}.

Em termos teóricos, este processo social de difusão nos situa no **universo simbólico**, dimensão irreduzível da cultura, de acordo com Levi-Strauss¹⁷⁻²⁰. Situa-nos na produção coletiva dos sentidos, significados, representações sociais^(k) e discursos^{2,10,21}, variáveis com as civilizações na história, mas tendo um *léxico* próprio de difusão, nunca destituído de poder⁷. Socialmente produzidos e partilhados, são referentes ao conjunto de significantes culturais recorrentemente presentes em culturas complexas, nas quais há plethora de mensagens veiculadas sob forma de informação. Embora portadoras de sentidos, essas mensagens nem sempre são constituídas de palavras^{19,22}. Na cultura contemporânea, a imagem assumiu papel predominante na veiculação de sentidos e de representações sociais, tendo forte impacto no imaginário social.

assim se constitui o *imaginário social* nas culturas⁶, que nos conduz à abordagem socioantropológica de significados e discursos sociais, sua origem e os papéis que cumprem em cada cultura. Além disso, remete-nos aos *modos* como são socialmente *difundidos*, situando-nos na interface dos campos da Comunicação Social, Sociologia da Comunicação e Saúde Coletiva².

Desempenha, também, papel significativo na comunicação entre indivíduos, grupos, redes e instituições sociais, multiplicado pelas possibilidades de trabalhar a imagem nas mídias virtuais. Em nosso estudo, a imagem torna-se importante na medida em que, em simbiose com a palavra, gera retórica à vida e saúde^{2,14,22,23}.

^(k) O conceito/categoria representação social adquiriu no século XX, desde o clássico Durkheim, importância crescente nas Ciências Sociais. Foi trabalhado por diferentes autores em diferentes disciplinas, como: Sociologia, Antropologia, Psicologia e Comunicação Social. Neste texto seguimos abordagem *sociológica* do conceito, iniciada por Durkheim, continuada por Gurwitsch, Bourdieu e outros clássicos. Apesar da presença de autores ligados a Psicologia Social, como Spink^{9,13}, adotamos definição conceitual coerente com nosso objeto de pesquisa, pela complexidade da teorização do imaginário contemporâneo.

Esta união simbiótica entre imagens e palavras-chave, num discurso sedutor sobre o viver¹¹, isto é, numa *retórica discursiva da vida*, pode ser analisada de acordo com os esquemas propostos, preservadas as conexões entre os elementos conceituais de nossa base teórico-metodológica. O universo simbólico pode ser esquematicamente representado conforme linhas/setas da Figura 1.

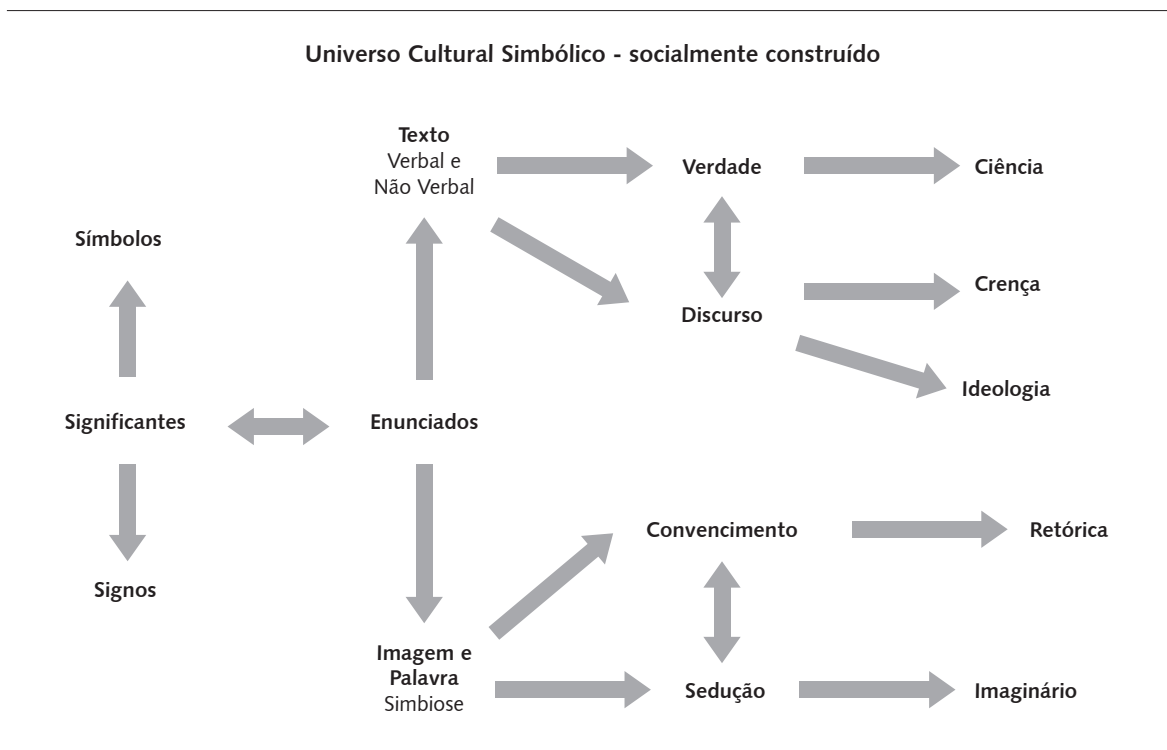


Figura 1. Esquema para análise da observação das bancas

Fontes: Luz et al.³; Luz, Sabino⁶; Silva¹⁵; Barthes¹⁹.

Na figura, propomos que elementos simbólicos (símbolos, significantes, signos) atuem em correlação com o enunciado, constituindo interfaces com o texto (verbal/não verbal), e, na conexão com a imagem, atuando em simbiose. A partir da relação verdade e discurso, são geradas bases para atuação da ciência (verdade), da crença e da ideologia (discurso), ainda que verdade e *discurso* estejam em relação, em menor grau, com essas outras instâncias. A simbiose imagem e palavra, *convencimento* e *sedução*, embasa a retórica (busca de convencimento) no imaginário (processo de sedução), atuando em correlação, embora variável em graus.

No nível teórico de análise, reestruturamos os elementos conceituais de base, anteriormente ilustrados, de modo a estabelecer correspondências entre eles, em função do núcleo central do objeto de pesquisa. Reorganizamos, assim, o todo, visando a dar mais organicidade e movimento ao processo de análise, ilustrando o convencimento do leitor acerca dos temas de divulgação científica presentes nas capas selecionadas.

A análise/interpretação da observação considera os elementos conceituais esquematicamente alinhados na Figura 2.

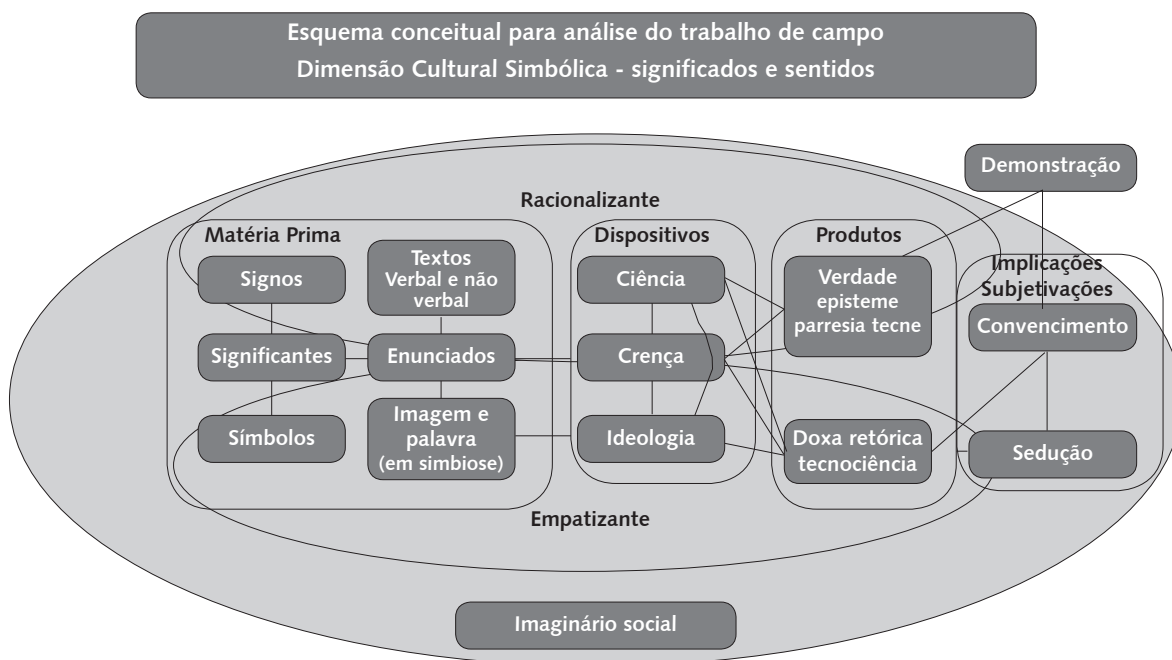


Figura 2. Esquema conceitual para análise do trabalho de campo

Fontes: Luz et al.³; Luz, Sabino e Mattos⁶; Sfez¹²; Silva¹⁵; Aristóteles¹⁶; Moles¹⁸; Barthes¹⁹; Epstein²⁰; Joly²¹; Foucault²⁴.

Caracterizamos aqui, como conjunto de *dispositivos de produção de verdades*^{4,22}, campos de produção discursiva em que a **verdade** tem papel preponderante em seus saberes e práticas. Destacamos, neste sentido, a *ciência*, a *ideologia* e a *crença*, religiosa ou laica. Embora não representada nos esquemas propostos, constata-se papel crescente da mídia, inicialmente operadora de dispositivos de verdades, a tornar-se, ela mesma, um dispositivo produtor de verdades/ciência, sobretudo, *Biociências*.

Foucault afirma que os dispositivos de produção de verdades atuam como conjunto cultural decididamente heterogêneo, englobando: discursos, instituições, organizações arquitetônicas, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, e morais. Em suma, o dito e o não dito são elementos básicos do dispositivo, que é, de fato, *a rede que se pode tecer entre estes elementos*²⁴.

Os dispositivos de produção de verdade atuam como processadores estruturais da *matéria-prima simbólica*, constituída tanto por *elementos de linguagem* (texto, enunciados e imagem/palavra) quanto *semióticos* (signos, significantes e símbolos). Para que esses dispositivos de produção de verdades se constituam como tal, é necessário analisar esta matéria-prima simbólica. Ela pode ser descrita como o substrato simbólico que fornece elementos de base interpretativa tanto para produção do imaginário, como para a análise dos materiais coletados em campo.

Sugerimos, na Figura 2, que a matéria-prima simbólica, processada pelos dispositivos, assume diferentes configurações de sentidos, que podem colocá-la na instância discursiva de produção de verdades: *episteme*, *parresia* e *tecné*; ou no plano de produção de *doxa*: *retórica* e *tecnociência*⁽¹⁾.

⁽¹⁾ Entendemos que a tecnologia e a *tecnociência*, em particular, têm um poder de convencimento discursivo contemporâneo tão poderoso quanto a *ciência moderna*, estabelecendo verdadeiros "dogmas laicos", ainda que temporários. É um poderoso dispositivo produtor de verdade.

Os produtos científicos, vistos como isentos, neutros do ponto de vista da verdade, só têm peso *epistemológico*, gerando convencimento, após o processo de experimentação/demonstração* característico do método científico. Vale sublinhar que *ideologia* e *crença* também geram convencimento com magnitude igual ou, mesmo, superior à da ciência na produção de verdades.

Entretanto, a ciência, como saber enraizado em princípios doutrinários implícitos, pode alimentar a via discursiva da *retórica* e seus processos, influenciada por correntes, doutrinas e ideologias, evanescendo o valor simbólico da *demonstração científica*, base epistemológica na tradição cartesiana. Aproxima-se, assim, o caráter demonstrativo da ciência da crença e ideologia, levando ao *convencimento*, por meio de dinâmica *retórica*.

Descrição analítica das bancas de revista

Para a caracterização socioespacial das bancas, destacamos a frequência e persistência de temas das Biociências nas capas, bem como sua repetição no tempo e em locais das bancas. Entendemos, como parte da caminhada metodológica, que é no processo da pesquisa que o campo indica ferramentas e passos necessários para a análise²⁵. Ir a campo foi necessário para entender a inserção social das bancas e o contexto no qual as mensagens que emergem das capas estava inserido. Bourdieu²⁶ nos fala da geração do conhecimento socioantropológico, das ciências humanas em geral, na contínua construção dos “sujeitos” (temas) de investigação, num processo no qual os instrumentos conceituais e metodológicos se aperfeiçoam no desenvolvimento da investigação, conceitual ou empírica. A atividade da pesquisa, vista como prática social em construção, é a matriz geradora dos instrumentos conceituais e metodológicos úteis às ciências sociais, utilizados no processo da pesquisa como caixa de ferramentas (*boîte à outils*).

Para tanto, desenvolvemos uma observação “silenciosa” dos locais selecionados, observando, de certa distância, o movimento das vendas. O objetivo foi comparar as bancas dos diferentes locais, no sentido de aferir as publicações mais vendidas para caracterizar socialmente seus consumidores. Conversas informais com responsáveis de bancas ajudaram a identificar: possíveis alinhamentos específicos no espaço, quais os títulos mais vendidos, e em que períodos de tempo (semanal, mensal, etc.).

As bancas costumam ofertar, além de venda de periódicos, serviços na área em que se situam, sendo um ponto de referência e sociabilidade. O responsável pela banca, geralmente, é visto como conhecedor da região, um informante de lugares sociais urbanos (ruas, pontos turísticos e comerciais, instituições de saúde, restaurantes, etc.).

Assinalamos, assim, “*funções sociais*”^(m) que costumam desempenhar as bancas no contexto socioespacial. Estas funções variam consideravelmente, respondendo por demandas da população no entorno. Há uma **demanda social** constante de variados produtos para além de revistas e jornais, sendo possível enumerar os itens de produtos à venda⁽ⁿ⁾.

Com base na diversidade de produtos disponíveis, fizemos uma aproximação sociocultural com as “*drugstores*” americanas da primeira metade do século XX, tanto do ponto de vista do consumo como da sociabilidade característica desses locais, onde a circulação do consumidor permite o acesso ao artigo desejado, sendo que as bancas situam-se no ambiente aberto, enquanto as *drugstores* em grandes espaços fechados, como armazéns^(o). As bancas podem ser vistas, ousamos dizer, como “*drugstores compactas*”.

^(m) As *funções sociais* significam que não o assumimos aqui como conceito da teoria funcionalista, mas como conjunto de referências e encargos sociais que as bancas podem desempenhar no meio ambiente onde se situam.

⁽ⁿ⁾ Mercadorias extras vendidas nas bancas: CDs e DVDs; artefatos colecionáveis; livros; bebidas nãoalcoólicas; biscoitos, doces, acessórios eletrônicos, chips de operadoras de celular. Em algumas bancas, há comprimidos, tais como aspirinas e paracetamol, vendidos a varejo, como os cigarros. No Rio de Janeiro, próximo à orla, também identificamos artigos para banho de mar.

^(o) Não observamos bancas presentes em locais fechados, como: aeroportos, shopping centers, lojas, livrarias, etc.

Capas de periódicos captadas no trabalho de campo

Foram observadas cento e cinquenta capas de revistas, sendo os títulos ordenados de acordo com a proximidade decrescente do discurso científico. Esta classificação serviu para identificarmos, empiricamente, a relação com as fontes de produção científico-acadêmica, diferenciando-as daquelas destinadas ao consumo midiático-comercial popular, com ou sem referências às pesquisas. A descrição contemplou uma amostra representativa das revistas disponíveis no mercado; não a totalidade das revistas disponíveis no mercado, mas algumas identificadas com nossos interesses temáticos durante as saídas de campo.

Classificação das revistas por grau de proximidade com o discurso científico

Biociências: revistas voltadas para as ciências, com ênfase na saúde. Com linguagem mais informal, são, entre os gêneros inseridos no espaço midiático, mais próximas da produção acadêmica dos pesquisadores, mantendo-os como autores dos textos, como fonte, e acessando, diretamente, a produção universitária. Incluímos neste segmento: Revista *Scientific American* (não restrita às biociências); Revista *Mente e Cérebro*; Coletânea "Doenças do Cérebro" (*Mente e Cérebro*); Revista *Ciência Hoje* (SBPC); Revista *Rio Pesquisa* (FAPERJ); Revista *Superinteressante*; Revista *Galileu*;

Ciências Humanas: revistas ligadas à psicanálise, sociologia, filosofia e educação. Incluímos as Revistas: *Psiquê*; *Educação*; *Cult*; *Sociologia*; "Chega de Estresse!"; *Psicologia e Vida*.

Jornalísticas-Gerais: semanários com conteúdo de divulgação jornalística, abordando alguma patologia específica, como diabetes, hipertensão, obesidade, ou trazendo alguma "novidade" científica como fonte abalizadora. Destacamos: *Veja*; *Isto É*; *Época*; *Carta Capital*.

Revistas "Populares": periódicos semanais/mensais com linguagem marcadamente comercial, ampla exploração de entretenimento, curiosidades e polêmicas; sobre o que pode ter mais apelo ao seu público. Nelas costumam aparecer certos eventos espetaculares ligados à Biomedicina e seus ramos, entre eles:

a) **Patologias:** um número considerável se destaca com afirmações: "Tudo sobre..." uma determinada doença. Exemplos foram publicações intituladas: "Doenças Respiratórias"; "Diabetes"; Revista "Sua Saúde".

b) **Nutrição:** geralmente, destacam alimentos saudáveis e dietas miraculosas. Entre elas: "Dieta Já"; "Saúde é Vital"; "O Poder dos Grãos e Cereais"; "Pense Leve, Revista "Corpo a Corpo".

c) **Fitness:** revistas concernindo às atividades físicas. Incluímos: *Women's Health*; *Men's Health*; *Runner*.

d) **Fitoterápicos:** revistas sobre chás e ervas em edições especiais. Examinamos revistas como: "Poder do Limão"; "Importância da Linhaça"; "Alimentos que curam".

e) **Revistas de novelas e celebridades:** edições que abordam as celebridades de televisão também as trazem em suas capas, como destaque para temas da saúde. Exemplo: *Revista Viva Saúde*.

Proposta de análise das capas de revista

Percebemos o reforço sugestivo de valores veiculados por estudos das Biociências, calcados na imagem, referendados pela palavra/imagem "chave". Dentre as cento e cinquenta capas observadas, cinquenta delas foram selecionadas para aplicação do instrumento de coleta de dados, visando a identificação das palavras/imagens chave mais recorrentes, bem como descrição dos elementos simbólicos. Cinco destas sofreram análises em profundidade para exemplificar como a simbiose imagem/palavra gera o processo de sugestão que denominamos retórica de saúde e vida.

Como ilustração da proposta de análise metodológica, descrevemos a capa de uma delas com o título (Figura 3): "*Hiperatividade: Considerada como um distúrbio em si, ela é, na verdade, um sintoma. Conheça os transtornos em que ela está presente (e outros sintomas tratados como doença)*"^(p).



Figura 3. Revista Psiquê - Hiperatividade

A mensagem retórica nos sugere a hiperatividade como uma multiprodução de um cérebro em ação, indicando *algo errado com ele*. Mesmo que o texto aborde a hiperatividade para além da patologia (como resultado da ação do corpo), a imagem do cérebro, em destaque na cor azul, eleva esse órgão como centro destacado para a hiperatividade.

Não diríamos que existe uma contradição nesta capa, mas a produção de um sentido normativo que ganha um tom retórico a partir da simbiose imagem/palavra. Esta simbiose consolida, no imaginário, o cérebro como centro para a saúde e a vida.

Destacamos, aqui, mais três capas para comparação, como a que mostra o controle da alimentação pelos critérios da Nutrição associados ao que se entende por saúde: *somos as calorias que comemos*^(q) (Figura 4). No outro exemplo (Figura 5), o cérebro é apresentado como uma máquina que gerencia o funcionamento mental (software)^(r). Por último, a prescrição do que deve ser consumido para evitar o câncer^(s) (Figura 6), numa clara negação dos aspectos naturais de alimentação e do corpo biológico.

^(p) Como palavra/imagens chave, destacamos: *cérebro/neurônios, vida, doença/crônica/patologia, máquina/tecnologia, desempenho, ansiedade/estresse, distúrbio, sintoma, transtorno, doença*.

^(q) Edição especial da Revista *Scientific American*: "*Tudo que você sabe sobre calorias está errado: O universo fascinante da alimentação: Sistema de medida ignora a complexidade da digestão. Bactérias, forma de preparo e energia utilizada no processo alteram radicalmente quantidade de energia absorvida de alimentos*".

^(r) Edição especial da Revista *Psiquê*: "*Software Mental: Estruturas e modulações cerebrais refletem uma possível sinergia entre computador e cérebro humano e se tornam foco de estudo das ciências cognitivas*".

^(s) Edição da revista *Viva Saúde*: "*8 alimentos que previnem contra o câncer - E outros três que aumentam (e muito!) as chances de um tumor aparecer*".



Figura 4. Revista Scientific American – calorias



Figura 5. Revista Psiquê – Software Mental

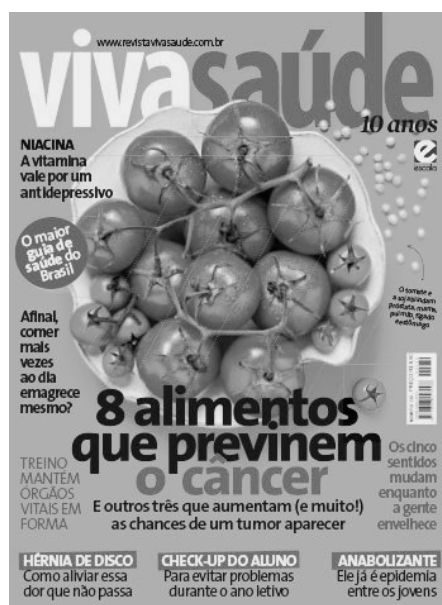


Figura 6. Revista Viva Saúde

Nesses casos, comprovamos a força retórica da simbiose imagem/palavra. Analisando apenas o texto das manchetes, apreenderemos a intenção de quem concebeu a capa. É na *junção* imagem/palavra que vem, à tona, a mensagem sugestiva de que tanto a alimentação como a psicanálise devem ser submetidas a critérios específicos, que situam um “biólogo” (nutricional e neurológico) *específico* como base da concepção do que é saúde. Não é apenas o natural, mas o humano e *seus saberes*, que são sutilmente descartados nas sugestões ilustradas nas capas das revistas.

Observamos luzir um processo de sutil sugestão, a condução de nossa vida em termos de saúde sob a perspectiva das Biociências. Nos exemplos examinados, a força da *retórica de saúde e vida* reforçam um imaginário higienista na condução do viver. Como dispositivo dominante de produção de verdades, as Biociências reforçam esse viés, descartando possibilidades de conhecer e equacionar temáticas apresentadas ou propostas por outros saberes/campos disciplinares.

Resultados da análise do trabalho de campo

As ações analíticas do campo observado permitiram-nos descrever, com mais pertinência, a complexidade do objeto em estudo, e levaram-nos a ampliar o foco na metodologia de análise nas fotos das capas, de modo a permitir uma interpretação mais elaborada dos efeitos, no imaginário, dos sentidos enfatizados na retórica de saúde e doença, presentes em mensagens dos periódicos analisados, considerada sua diversidade de linguagem midiática.

Nesta fase analítica, obtivemos algumas indicações derivadas da observação que permitiram apontar algumas conclusões:

a) Diversidade da composição das bancas em função da localização socioespacial

Pudemos observar que a disponibilidade e distribuição de revistas de divulgação científica no espaço físico das bancas de jornais varia, consideravelmente, de acordo com a região sociocultural em que estão situadas: subúrbios, bairros residenciais de classe média, periferia urbana, e, mesmo, entre cidades.

Bairros de periferia expõem e vendem em suas bancas, sobretudo: jornais populares, periódicos de *fitness*, revistas de telenovelas e boletins de concursos. Bancas de classe média, na zona sul do Rio de Janeiro e nos bairros residenciais e comerciais de Porto Alegre, vendem uma grande variedade de periódicos – inclusive, os que pertencem a nosso universo de pesquisa. A configuração e distribuição dos itens observados no interior das bancas também muda de acordo com a localização socioespacial, variando conforme a demanda de publicações e artigos comercializados naquelas bancas (jornais, revistas, pequeno comércio).

b) Imagens e palavras imperativas emergentes das capas

Na análise das capas dos periódicos, foram identificadas palavras-chave, geralmente, expressas em tom de comando, imperativas, buscando orientar práticas de vida e de saúde, no sentido de preservá-las ou de impedir sua deterioração. Como exemplo, há um apelo recorrente a expressões como “vida saudável”, associada à *boa alimentação* e *atividades físicas*. Além disso, constatou-se, nas capas, a recorrência de verbos dominantes na cultura, como: “poder”, “lutar”, “combater”, “vencer”. O tom imperativo tende a legitimar atitudes e comportamentos propostos com relação a alterações de saúde e à presença de enfermidades agudas ou crônicas de corpo e mente, tais como: obesidade, hipertensão, depressão, enfartes, diabetes, câncer, *alzheimer*, etc.

Torna-se nítido o apoio a temas e soluções a partir de estudos de especialistas, reafirmado na contínua referência a resultados de pesquisas científicas avançadas, cuja variação de temas e resultados assume, por vezes, o caráter de “modas”, pela reiterada recorrência de determinados assuntos em evidência.

Esta postura é reafirmada pelo apelo à autoridade de termos como *ciência* ou *pesquisas e estudos científicos*, presentes na grande maioria das capas examinadas, reforçando a percepção já mencionada de que a *tecnociência* se apresenta como dispositivo produtor relevante de *doxa* na sociedade contemporânea. Vale assinalar que, quanto mais afastada da difusão científica (revistas jornalísticas, populares, de publicidade ou propaganda), maior é a recorrência à autoridade da ciência e do científico. As revistas de divulgação científica, por já se caracterizarem como meios de veiculação de textos de pesquisadores/especialistas, desenvolvem os assuntos sem fazer apelo à validação científica da informação.

Quanto às imagens, pudemos identificar a recorrência de construções simbólicas com elementos imagéticos específicos, como: fotomontagens e ilustrações gráficas de órgãos, sobretudo, o coração e o cérebro, geralmente relacionados às doenças crônicas. Estes órgãos aparecem nas capas “transfigurados” pela tecnologia da imagem, com aparência maquínica ou claramente mecânica^{21,27}.

Em diversos casos, a figura dos órgãos é trabalhada graficamente de acordo com a mensagem sobre o tema, como um cérebro “turbinado”, com alusão a raios e força elétrica, claramente associada à ideia de reforçar a maximização de sua potência²⁷. Não raramente, essas associações e montagens aparecem ligadas a exames diagnósticos de tecnologia de ponta, nas quais a imagem tem papel demonstrativo importante para a diagnose médica.

A força de convencimento dessas imagens tecnocientíficas na construção de uma *doxa* que valoriza o mecanicismo no imaginário dos leitores é considerável, pois elas “demonstram”, graficamente, valores da saúde e da doença. Como exemplo, as fotomontagens de órgãos “em movimento”, com virtualidade “quadridimensional”, que apontam para uma realidade material mais avançada que os exames analógicos, como: radiografias, eletrocardiogramas e encefalogramas.

Tal demonstração virtual tem uma aparência estética inegavelmente sedutora, apreciada por profissionais e leigos, assumindo, a imagem, um poder simbólico em relação ao corpo biológico, despiando-o de seus aspectos corpóreos, tais como: sangue, tecidos, sistemas, fluídos e volume. Em última instância, por meio da preponderância do discurso imagético, está se lidando com *órgãos transcorpóreos*, superando-se, simbolicamente, a natureza biológica do corpo humano, como o representamos desde fins do século XVI, na nascente modernidade científica²¹.

Constatamos que se evidencia, claramente, a força da categoria de análise *retórica da vida e da saúde*, central em nosso estudo, relevante para a interpretação da produção discursiva atual das Biociências, tal como vem sendo veiculada para a validação de certas afirmações no espaço midiático.

c) Papel da divulgação científica da mídia impressa na pedagogia atual

Um papel não apenas informativo, mas, também, *pedagógico* ressalta da análise. De fato, alguns periódicos de divulgação científica preenchem no momento, independentemente da disciplina em que se situem – seja nas biociências, nas ciências físicas ou humanas –, uma lacuna de informação, e, mesmo, de formação regular, apresentando temas e incentivando debates nas mais diversas disciplinas, tanto no Ensino Médio quanto no Superior, retomando teorias e conceitos de autores clássicos e contemporâneos, contextualizando-os em novas temáticas e em questões científicas atuais.

Conclusões

A interpretação das capas de revistas analisadas ressalta, preliminarmente, que as fotos/imagens que ilustram a *simbiose imagem/palavra*³, difundem um processo de persuasão/convencimento que reforça a hegemonia das Biociências na cultura atual de saúde, doença e vida. As mensagens veiculam sentidos específicos sobre o corpo e a saúde, sobre atividades físicas, alimentação, prevenção e controle de doenças, propondo, ainda, práticas de medicalização da vida, contribuindo para a reprodução de modos específicos de conduzir a saúde e vida da população.

A busca social por uma *cultura da saúde*, similar à *utopia da saúde perfeita* de Sfez¹², se manifesta em práticas saudáveis, incluindo um higienismo preventivo presente nos discursos das Biociências, combinado a um projeto de promoção da saúde apoiado em práticas biocientificamente embasadas.

Estas práticas incluem proposições sobre o corpo, as emoções e a subjetividade de indivíduos e grupos. Incluem desde a alimentação, o movimento (ou atividade) corporal, até uma certa higiene mental, buscando *harmonizar* a vida das pessoas e das relações sociais. Constituem, de certo modo, um projeto global de saúde difuso, não elaborado política ou conceitualmente, porém tendente à utopia, embora em paradigma diferente do apontado por Sfez¹².

O pleno desenvolvimento de uma abordagem interpretativa interdisciplinar da retórica dos conteúdos veiculados pelas revistas de divulgação científica foge das análises clássicas de discurso e da semiótica estrutural, situando a retórica imagem/palavra como categoria estratégica de análise da função simbólica das revistas de biociências na construção do imaginário da *vida e do viver*.

Esperamos que interpretações resultantes desta proposta metodológica contribuam para o desenvolvimento de novas frentes de teorização de conteúdos simbólicos que identifiquem relações entre *retórica da vida* e imaginário social, e esclareçam, mais adiante, como atuam na cultura contemporânea certas representações das Biociências de vida e saúde.

Colaboradores

Madel Luz, Anderson dos Santos Machado e Rafael Dall'Alba escreveram a primeira versão do artigo e fizeram o trabalho de campo. Alcindo Antônio Ferla fez a revisão crítica do texto e organizou a versão final do mesmo.

Referências

1. Bueno WC. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. *Inform Inform*. 2010; 15(1):1-12.
2. Medrado B. Textos em cena: a mídia como prática discursiva. In: Spink MJ, editora. *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez; 2000. p. 243-71.
3. Luz MT, Sabino C, Mattos RS, Dall'Alba R, Machado AS, Ferla AA, et al. Contribuição ao estudo do imaginário social contemporâneo: retórica e imagens das biociências em periódicos de divulgação científica. *Interface (Botucatu)*. 2013; 17(47):901-12.
4. Bourdieu P. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar; 1997.
5. Spink MJ, Medrado B. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: Spink MJ, editora. *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. São Paulo: Cortez; 2000. p. 41-61.
6. Luz M, Sabino C, Mattos RS. A ciência como cultura do mundo contemporâneo: a utopia dos saberes das (bio)ciências e a construção midiática do imaginário social. *Sociologias*. 2013; 15(32):236-54.
7. Bourdieu P. *O poder simbólico*. Lisboa: Bertrand; 1989.
8. Weber M. *A ética protestante e o 'espírito' do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras; 2004.
9. Maffesoli EM. Michel Maffesoli: o imaginário é uma realidade. FAMECOS [Internet]; 2008 [citado 1 Abr 2015]. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3123>
10. Luz MT. O impacto da epidemia de HIV/aids nas representações sociais. *Saude Sexo Educ*. 1998; 30(4):7-11.
11. Canguilhem G. *O normal e o patológico*. 5a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2002.
12. Sfez L. *A saúde perfeita: crítica de uma nova utopia*. 7a ed. São Paulo: Loyola; 1996.
13. Spink MJ. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: Guareschi P, editor. *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes; 1995. p. 117-48.
14. Bauer MW. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: Bauer MW, Gaskell G, organizadores. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes; 2002. p. 189-243.
15. Silva JM. *As tecnologias do imaginário*. 2a ed. Porto Alegre: Sulina; 2006.
16. Aristóteles. *Rhetorique*. Paris: Gallimard; 1998.
17. Lévi-Strauss C. *Antropologia estrutural*. 5a ed. São Paulo: Cosac-Naify; 2008.
18. Moles AA. *O cartaz*. 2a ed. São Paulo: Perspectiva; 2005.
19. Barthes R. *O império dos signos*. São Paulo: Martins Fontes; 2007.
20. Epstein I. *O signo*. São Paulo: Ática; 1985.

21. Luz MT. Natural, racional, social: razão médica e racionalidade científica moderna. 2a ed. São Paulo: Hucitec; 2004.
22. Joly M. Introdução à análise da imagem. Lisboa: Papyrus; 1994.
23. Mattos RDS. Imagem corporal. Rio de Janeiro: Paco Editorial; 2014.
24. Foucault M. Microfísica do poder. 16a ed. Rio de Janeiro: Graal; 2000.
25. Luz MT, Sabino C. A pesquisa como prática artística: a razão na prática de investigação como razão artística - uma possível contribuição de pierre Bourdieu para a área das Ciências Sociais e Humanas na Saúde. Saude Redes. 2015; 1(8):7-12.
26. Bourdieu P. A miséria do mundo. Petrópolis: Vozes; 1998.
27. Machado ADS. O cérebro no imaginário social da divulgação científica das Biociências: a retórica sobre a saúde e a vida nas capas da Revista Mente e Cérebro. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2015.

Luz MT, Ferla AA, Machado AS, Dall Alba R. Retórica en la divulgación científica del imaginario de vida y salud: una propuesta metodológica de análisis. Interface (Botucatu). 2017; 21(61):333-47.

Este artículo analiza el papel simbólico de las Biociencias en el imaginario de vida y salud, presentando resultados de un estudio de observación de portadas de revistas de divulgación científica encontradas en quioscos en tres ciudades de Brasil: Río de Janeiro, Duque de Caxias y Porto Alegre. Se presenta un análisis sintético de la observación de los quioscos y del conjunto de portadas allí expuestas, utilizando cuadros ilustrativos, de acuerdo con un esquema de interpretación de la retórica presente en tales portadas. Constatamos que los sentidos resultantes de la simbiosis imagen/palabra, difundidos por los periódicos, son herramientas persuasivas en el universo de representaciones y prácticas sociales en lo que concierne a un supuesto vivir saludable.

Palabras clave: Imaginario social. Biociencias. Divulgación de los medios. Retórica de vida y salud.

Submetido em 26/11/15. Aprovado em 03/06/16.

